

MARCEL DUCHAMP

Blainville, Seine-Maritime, 1887 - Neuilly-sur-Seine, 1968

Conhecido como um dos artistas mais polêmicos e ecléticos do século XX, por causa de seu trabalho audacioso e de suas atitudes ousadas, Marcel Duchamp viveu, após os 20 anos, entre Paris e Nova York, entre a arte e o xadrez, como marchand, ilustrador de livros, produtor-assistente de cinema, assumindo com humor e ironia uma diversidade de identidades, em discordância com a imagem tradicional de artista. Nasceu em uma família burguesa, na qual dois de seus irmãos, Jacques Duchamp-Villon e Raymond Duchamp-Villon, se destacaram adquirindo notoriedade no meio artístico francês. Influenciado inicialmente pelos neo-impressionistas e pelos fovistas, Duchamp, por meio do estudo da obra de Cézanne e dos futuristas, adquiriu uma interpretação própria e original das pesquisas do cubismo analítico, referente à fragmentação do espaço causada pelo movimento (Nu descendant un Escalier, Nova York, Guggenheim Museum). Participando de forma pessoal dos eventos da arte de sua época, emprestou algumas fórmulas das vanguardas emergentes do início do século, como a colagem e a montagem, em suas primeiras experimentações. Seus trabalhos persistiram sutilmente em torno de alguns conceitos e temas, levando-o a realizar obras que desafiariam seu tempo. Desde 1913, elaborou, sob forma de notas pessoais, pesquisas artísticas relacionadas aos seus in-

teresses filosóficos, que culminaram nos célebres ready-mades. Criados entre os anos de 1915 a 1923, foram influência marcante na arte contemporânea e nos fundamentos do espírito do movimento Dadá. Os ready-mades, quase sempre combinações de objetos industrializados, retirados de seu contexto originário e propostos como objetos de arte, inauguraram um novo questionamento sobre o fazer do artista, agindo não apenas em oposição à estética vigente, mas colocando uma alternativa às práticas artísticas tradicionais. A maioria dos ready-mades originais, muitas vezes instalações efêmeras, acabaram destruídos. Alguns deles foram reeditados posteriormente por Schwartz, em 1964. Além de sua obra, a vida de Duchamp foi um exemplo de autenticidade e de rigor ético: o escândalo provocado por seu inconformismo foi uma das armas preferidas das provocações do artista. Duchamp ganhou sua vida de forma independente de seu trabalho artístico, explorando desde o início da década de 1910 novos métodos e mídias subversivas. Abandonando os meios tradicionais de expressão, evidenciou em seu projetos o que acreditava ser a nova liberdade a ser adquirida por meio da arte, o produto da habilidade do homem de expressar uma nova dimensão para si próprio e para o mundo.

ROTO-RELEVO

Conjunto de seis discos óticos, (Æ 20 cm), impressos em cor, por meio de litografia em off-set, sobre papel cartão em cada face. O Roto-Relevo foi feito para ser visto rodando numa velocidade de 33 rpm sobre um suporte de madeira (37,5 x 37,5 x 10 cm) coberto por veludo preto. O motor que dirige a superfície giratória (Æ 24,5 cm) permite a rotação dos discos. Cada lado dos discos tem um título diferente correspondente às figuras representadas. Os títulos são os seguintes:

Primeiro Disco, frente, n. 1: Corolas; verso, n. 4: Lâmpada

Segundo Disco, frente, n. 2: Ovos Quentes; verso, n. 3: Lanterna Chinesa

Terceiro Disco, frente, n. 5: Peixe Japonês; verso, n. 6: Caracol

Quarto Disco, frente, n. 7: Copo de Boêmio; verso, n. 8: Arco de Pipa

Quinto Disco, frente, n. 9: Aeróstato; verso, n. 10: Gaiola

Sexto Disco, frente, n. 11: Eclipse Total; verso, n. 12: Branco em Forma de Espiral.

Inscrições: atrás do suporte de madeira, em uma placa de cobre, data: "1965", número de tiragem: "56/150", título e edição: "ROTORELIEF 1935-1953 / EDITION GALERIE SCHWARTZ, MILAN".

Inventário: 1231.

Entrada no acervo: 11/1968, adquirido por Pietro Maria Bardi por intermédio da galeria Schwartz.

Proveniência: galeria Arturo Schwartz, Milão.

Catálogos do Museu e de Exposições: Aguilar 1991.

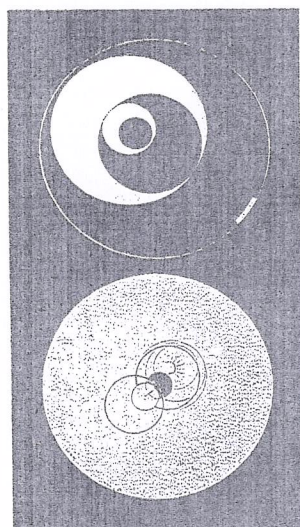
Bibliografia: Buffet, G. Coeurs Volants. In: Cahiers d'Arts, Paris, 1-2, 1936, pp. 34-41; Lebel 1959; Schwartz, A. The Complete Works of Marcel Duchamp, Londres 1969; Harnoncourt, Marcel Duchamp, Nova York, Filadélfia 1989; Aguilar 1991; Tomkins, Marcel Duchamp. A Biography, Nova York 1996.

Em 1935, Duchamp realizou em Paris quinhentos conjuntos de discos óticos não numerados e não assinados dos quais trezentos fo-

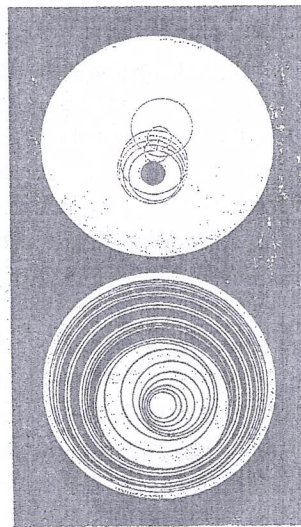
ram perdidos durante a guerra; em 1953, em Nova York, foram feitos mil conjuntos de discos, também não numerados e sem assinatura,

dos quais seiscientos foram destruídos acidentalmente. Em 1959, em Paris, o artista reeditou com exemplares do conjunto, numerados de 1 a 100 e assinados à tinta: "Marcel Duchamp", dos quais apenas cinquenta acabaram localizados. Em 1963, foram feitos, em Nova York, dezesseis tiragens numeradas de

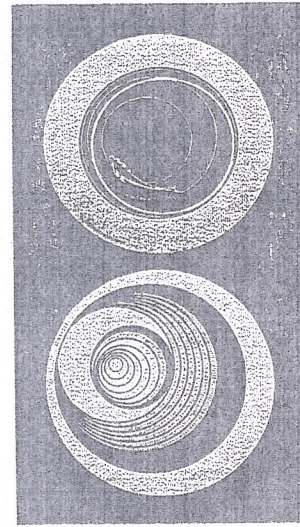
I a XVI, assinadas à tinta, numa face "M. D.", e na outra: "Marcel Duchamp". Enfim, em 1965, em Milão, foram realizadas, pela Galeria Schwartz, cento e cinquenta tiragens a partir da edição de 1953, sob supervisão do próprio Duchamp, numeradas de 1/150 a 150/150 e assinadas à tinta "M. D.",



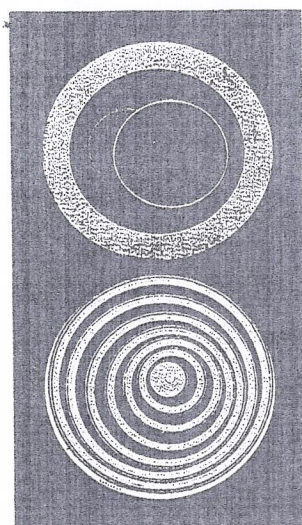
PRIMEIRO DISCO



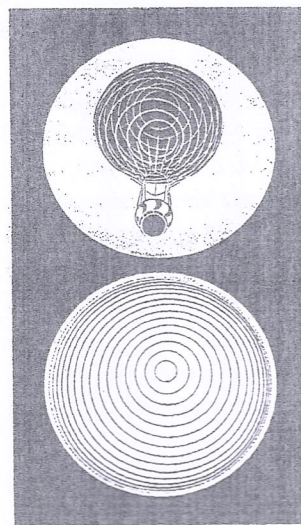
SEGUNDO DISCO



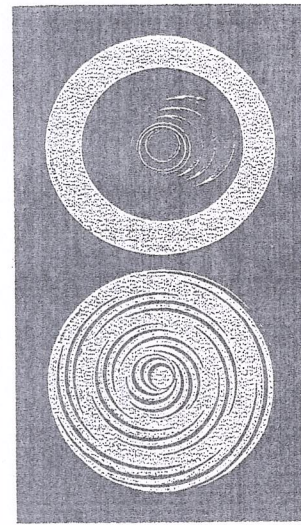
TERCEIRO DISCO



QUARTO DISCO



QUINTO DISCO



SEXTO DISCO

rubricadas "ROTORELIEF 1935-1953/Edition Galerie Schwartz, Milan". A obra do Masp faz parte desta última série.

Abandonando os instrumentos tradicionais como a tinta e o pincel, Marcel Duchamp procura uma outra dimensão entre pintura e escultura, utilizando os efeitos visuais ligados à ilusão ótica. O *Roto-Relevo* foi uma possibilidade encontrada pelo artista de criar a sensação de relevo por meio do movimento incorporado dentro da obra. Os discos óticos, quando em rotação, fazem surgir, em relevo, formas inesperadas de objetos. O tema é a representação figurativa de determinadas percepções: cheio, vazio; moto ascendente, moto descendente; dentro e fora; moto em linha reta, moto circular, até chegar ao branco e preto, à luz total e à ausência de luz. A visão recebe a impressão do movimento devido à ação do cérebro, que integra as diferentes formas em uma continuidade. As figuras dos discos apresentam pontos centrados que parecem imóveis, e por consequência distantes, e pontos ligeiramente fora do centro que parecem se locomover mais ou menos rapidamente de acordo com a proximidade do espectador.

Na primeira década do século XX, o movimento cubista e os futuristas italianos sugerem em suas obras a ilusão do movimento, obcecados pela decomposição da forma gerada pelos efeitos da velocidade no mundo mecanizado. Duchamp se interessava em reivindicar um estatuto criativo do objeto de arte, que acreditava ser um fazer tanto do olho quan-

to da mente, trazendo assim o movimento dos objetos representados dentro da própria obra e propondo uma nova relação entre objeto e espaço, espaço da obra e espaço do espectador. Seus questionamentos em torno do círculo, que estão presentes desde *Moedor de Café* (1911), *Roda de Bicicleta* (1913) e *Máquina de Moer Chocolate Número 2* (1914), darão origem aos seus chamados quadros óticos e formarão alguns dos elementos de *O Grande Vidro*, trabalho de indagação teórica de duração de oito anos, não concluído para muitos estudiosos. Os estudos de Duchamp da década de 1920, entre eles seus primeiros filmes abstratos, utilizam também círculos e espirais para criar jogos óticos usando a percepção da retina e as estruturas perceptivas da mente humana. Os *Roto-Relevos* são portanto a concretização dinâmica da série de experimentos referentes à representação estática do movimento que Duchamp realizara nos anos anteriores. O conjunto foi exposto pela primeira vez em 1935, no Salão Anual de Invenções em Paris, junto com objetos de uso diário e de interesse comercial. Em 1936, na exposição *Arte Fantástica, Dadá e Surrealismo*, organizada por Alfred Barr no Museu de Arte Moderna de Nova York, a obra foi apresentada como uma das onze mais significativas no percurso do artista. Com efeito, Duchamp antecipa nessa produção as pesquisas da arte cinética, que marcaram as décadas de 50 e 60.

Silvia Miranda Meira